

**A REVOLUÇÃO DE GUTENBERG, DE JOHN MAN:  
A IMPORTÂNCIA DA BIOGRAFIA DO GÊNIO PARA  
A MEMÓRIA DO LIVRO**

MAN, John. **A revolução de Gutenberg**: a história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

*Patrícia Kátia da Costa Pina\**

John Man é historiador, autor de inúmeros livros, como **Alpha Beta**: how 26 letters shaped the western world, **The Gutenberg**: how one man remade the world with words, **Genghis Kahn**: life, death, and resurrection, **Gobi**: traking the desert. Sua especialização é a história da ciência, bem como estudos voltados para o mundo germânico. Vivendo em Londres, John Man tem alguns de seus livros traduzidos para o português, dentre os quais destacam-se **A história do alfabeto**, **Gobi: as trilhas do deserto** e **A revolução de Gutenberg**, alvo desta resenha.

Livro construído por uma “Introdução”, dez capítulos e dois apêndices, **A revolução de Gutenberg** tem uma linguagem leve, quase ficcional, quase romanesca, que faz o leitor esquecer que está lendo um estudo sobre a vida e a obra do homem que mudou os rumos da cultura no Ocidente. A narrativa leva o leitor pelas ruas de Mainz, Estrasburgo, em pleno século XV, através da Peste Negra, das crises religiosas, dos Cismas Papais, das ambições imperiais etc. John Man transita entre o discurso ficcional e o discurso historiográfico com a facilidade pós-moderna de quem recorta fragmentos do passado para escrutiná-los entre uma caminhada dominical e uma noite de estudos. Mas seu referencial é a História, uma história fluida, pouco comprovável, instigante por seu caráter menos documental que investigativo.

A narrativa de John Man é recheada de hipóteses e suposições. As probabilidades são seu tecido. Muitas curiosidades também. Na “Introdução”, intitulada “A Terceira Revolução”, o Autor exalta a invenção da imprensa com tipos móveis, afirmando que ela surgiria com ou sem Gutenberg, pois todos os elementos necessários para seu surgimento estavam vivos na Europa do século XV. Os livros copiados instauraram, segundo ele, uma ordem de consumo passivo, uma vez que ficavam, após os trinta ou sessenta dias necessários para sua elaboração, à espera do leitor/comprador; os livros impressos com tipos móveis, ao contrário, eram produzidos em maior quantidade

---

\* Doutora em Literatura Comparada. Professora adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

(quinhentos por semana), distribuídos a pé ou a cavalo, instaurando uma ordem de consumo disseminado e imprevisível. Assim, o invento de Gutenberg viabilizou o surgimento desde a história moderna até a nação-estado. Sua **B42**, a Bíblia que ele imprimiu, é o norteador da pesquisa de John Man, o que o faz pensar em Gutenberg como um capitalista precoce, um católico romano que acaba por permitir que se espalhe a Reforma pelo mundo cristão.

“Uma Cidade Dourada, Sem Brilho”, capítulo 1, descreve Mainz, cidade da casa Gutenberg, desde o século XIV. A questão que embala o capítulo é a do nome Gutenberg: Man descreve o costume de as famílias ostentarem os nomes de casas, cidades, vilas etc. A mesma família poderia ter diferentes sobrenomes e famílias diferentes poderiam ostentar o mesmo, pois tudo dependia de localidades e propriedades. As origens da casa Gutenberg parecem estar associadas aos judeus, cuja aceitação político-social oscilava constantemente. Os outros nomes da família de Gutenberg são Geinsfleisch e Eltville, formas pelas quais era também designado e conhecido, por questões de histórica prudência. Ainda no que tange a origens, o capítulo revela a “construção” do nascimento de Gutenberg como parte da “construção” do mito que o cerca, o que ocorreu no século XIX, sendo fixado 24 de junho de 1400 como sua data aniversária. Seus estudos envolveram o aprendizado de latim e doutrina religiosa (através de irmãos carmelitas): Man indica a possibilidade de Johann Gutenberg ter estudado na Universidade de Erfurt. Vale ressaltar a crise religiosa no período de adolescência do inventor da imprensa: havia três Papas na época. Por mudanças na situação social de sua família, Gutenberg vê-se impedido de ser um Companheiro da Moeda, como seu pai, mas conhecia as artimanhas do ofício, conhecia a punção. Conhecia, desde criança, a base mecânica para a criação dos tipos móveis.

Em **A Aventura de Estrasburgo**, capítulo 2, John Man mostra Gutenberg a partir de 1434, após sua saída de Mainz. Surge, aí, um Gutenberg diferente, que luta pela sobrevivência, chegando a ameaçar com a prisão um representante de Mainz, por conta de uma dívida da cidade, a qual não fora honrada no tempo adequado. A cobrança lhe rende uma vida abastada em Estrasburgo, o que lhe traz alguns problemas: sendo um “bom partido”, torna-se alvo de uma senhora da localidade, que o acusa judicialmente de romper um compromisso com sua filha. Ele ganha a questão. Nessa época ele quer produzir espelhos, o que, para alguns estudiosos significa o começo de sua caminhada para o trabalho com os livros.

O capítulo 3, “Um Hércules Trabalhando pela Unidade”, mostra o desejo de Gutenberg, que se casa à vontade de outros homens da época, de ter uma comunidade cristã unida e homogênea, em suas práticas e crenças. “Alguma Coisa no Ar”, quarto capítulo, traz um histórico das diferentes formas de impressão já existentes quando da invenção de Gutenberg e a razão de essas formas primitivas não terem assumido o lugar econômico-social que os tipos móveis do inventor alemão assumiram. John Man afirma que a causa básica era o sistema de escrita, entre os orientais, por exemplo, por não adequar-se a um uso mecânico.

“O Segredo Revelado”, capítulo cinco, aborda a lentidão para o desenvolvimento da ideia de Gutenberg e as dificuldades que se interpuseram entre ele e os tipos móveis, tais como falta de dinheiro, falta de modelo para o instrumental necessário etc. Essa parte do livro descreve detalhadamente a máquina construída sob as ordens de Gutenberg, pedaço por pedaço, apresentando, inclusive, ilustrações com a punção, a matriz, o molde do tipo. O capítulo refere-se, também, à constituição da sociedade que permitiu a Gutenberg concretizar sua máquina.

Mas ter o material necessário para imprimir um livro implicava ter, além da máquina, um livro a ser impresso. Começa nova empreitada para Gutenberg, a qual é narrada no capítulo “Em Busca de um *Best-Seller*”. Ele tentou a **Ars grammatica**, uma gramática latina padrão, a qual ele próprio usara quando estudante, provavelmente. A seguir veio o **Donatus**, que chegou às mãos de Nicolau de Cusa, fato que gerou a publicação da **B42**.

Sobre a **B42** é o sétimo capítulo, que inclui uma reprodução de uma das páginas impressas, o que auxilia o leitor a compreender questões relativas à leitura e à produção livresca na época. John Man ressalta uma inovação gutenberguiana: margens justificadas à direita, o que trouxe novos protocolos de leitura: a **B42** parecia feita para uma detalhada e cuidadosa leitura coletiva, em voz alta. Em dois anos foram produzidas cerca de cento e oitenta cópias da referida **Bíblia** de 42 linhas. Parte importante do capítulo é a que relata o processo sofrido por Gutenberg por parte de um de seus sócios, a quem devia dinheiro, processo este que o fez perder todos os bens.

O capítulo seguinte, “O Colofão”, narra a empreitada de Fust e seu sócio, após derrotarem Gutenberg nos tribunais, relata como se aproveitaram de seus projetos, estabelecendo a imprensa como empresa na cidade. Gutenberg acabou tendo que residir em Eltville, onde ainda não era perseguido pelos credores e pela justiça. Aí, conseguiu uma pensão, que lhe garantiu a subsistência. O capítulo 9, “Pressionando até o Limite”,

vai abordar o desenvolvimento da imprensa na Alemanha e na Europa, a distribuição da **B42**, as publicações em latim e alemão, simultaneamente, a expansão do mercado, enfim.

O capítulo 10 retoma um dos sonhos de Gutenberg de forma irônica: o referido inventor queria que sua máquina ajudasse a unificar o mundo cristão, no entanto, segundo o autor e muitos outros historiadores, a imprensa permitiu uma cisão definitiva, através de Lutero e seus seguidores, os quais se utilizaram de Bíblias compostas em alemão para atrair fiéis e criar novas práticas religiosas, que confrontavam diretamente as práticas católicas.

O livro de John Man traz dois apêndices: no primeiro, surge um balanço financeiro da empreitada de Gutenberg; no segundo, uma relação do primeiro grupo de impressores alemães. Ao que tudo indica, os dois apêndices são as partes mais sugestivas, no que tange ao desdobramento da pesquisa, podendo abrir caminho para novas e profícuas investigações. Há, ao final, vasta bibliografia, também relevante para pesquisadores interessados no assunto. O livro traz uma visão panorâmica e, em certos momentos, “romanceada” da época de Gutenberg, relatando fatos curiosos sobre a vida do inventor da imprensa, ou mais precisamente, do inventor dos tipos móveis na cultura ocidental, discute algumas teses já consolidadas, como a de que Gutenberg teria dado continuidade a uma tradição oriental, relembra as dificuldades por que passaram muitos pensadores e criadores do passado. No entanto, o livro não problematiza a imprensa em si e suas consequências para o mundo ocidental, ressalva seja feita para a questão religiosa. Talvez não fosse o objetivo da pesquisa de John Man, o que é uma perda para os leitores. Por outro lado, é leitura informativa e agradável, capaz de contentar um amplo público. Em termos gerais, a obra dirige-se a estudantes de História, Letras, Comunicação, mas, por sua estrutura narrativa, eivada de curiosidades e de referências visuais, pode ser lida por qualquer pessoa que tenha algum nível de interesse pela questão da imprensa.